

**REFLETINDO SOBRE  
A PRODUÇÃO DA "HIPERCORREÇÃO",  
EM TEXTOS DE ALUNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO**

*Elizete Beatriz Azambuja* (UNICAMP e UEG)  
[liazambuja@ibest.com.br](mailto:liazambuja@ibest.com.br)

Este texto faz parte das reflexões que estou fazendo há algum tempo e que constituem o meu projeto de tese de doutorado.

A discussão que apresento se fundamenta na teoria Análise de Discurso que tem por fundador Michel Pêcheux. Nas palavras de Fedatto e Machado (2007, p. 9), a perspectiva discursiva é o ponto de vista teórico que relaciona *linguagem, história, sujeito e ideologia*. Em outras palavras, tomo como sustentação uma teoria que trabalha com as relações de poder simbolizadas, com sujeitos não idealizados, mas constituídos sócio-historicamente. Com esse dispositivo teórico, compreendemos melhor como se constitui a relação do sujeito com a língua.

Assim, apresento um esboço do que desenvolvo no que diz respeito ao estudo da relação sujeito/língua pelo viés da “hipercorreção”. Nesse ponto, chamo a atenção para as aspas utilizadas como uma forma de marcar a diferença no modo de ver pela perspectiva discursiva, uma noção teórica tradicionalmente estudada na área da Sociolinguística.

Como material de análise, tomei alguns recortes de artigos escritos por alunos de um determinado curso de pós-graduação do Mato Grosso, que é formado por egressos de diferentes cursos: geografia, biologia, história, matemática. Os artigos foram feitos a partir das monografias de final de curso.

***1. Alguns pontos sobre o funcionamento da “hipercorreção”, na relação sujeito/língua***

Conforme afirmei em textos anteriores, na perspectiva em que pretendo desenvolver meu trabalho, a definição para “hipercorreção”, construída por alguns linguistas se coloca como insuficiente,

por silenciar a distribuição política das línguas, reafirmando o ideal de língua e trazendo a imagem de um sujeito que tem domínio do seu dizer:

Correção ‘acima do nível da linguagem urbana’. Fenômeno linguístico que consiste na busca excessiva de correção – na fonética, na acentuação, no uso de termos -, que acaba por levar a pronúncias e a usos incorretos, por termos de incidir em erros populares. É do domínio da sociolinguística, frequente em casos de pessoas que ascendem a uma nova classe social, por motivos socioeconômicos (mudança para a cidade, casamento com pessoa de outra classe, enriquecimento, etc.) (DUBOIS et al., 1993, p. 323-4).

É recorrente essa ideia de que a “hipercorreção estaria relacionada à mudança de classe social. Vejamos também em Scremin e Aimi (2009, p. 125-6):

O fenômeno da hipercorreção, por motivos sociolinguísticos, apresenta-se na escrita de indivíduos que *se encontram em ascensão cultural*, pois estes já possuem certas normas da língua, caso contrário, não teriam essa intenção de ‘acerto’ [...] (grifos meus).

É interessante observar que a definição de “hipercorreção” citada constitui-se tanto pelo imaginário de que a linguagem urbana é a ideal quanto traz em si, materializada, a ideia de “erro”, de “incorreção”: “erros populares”, “usos incorretos”.

Detenho-me na afirmação presente nessa definição de que tal fato linguístico seja produzido frequentemente em “casos de pessoas que ascendem a uma nova classe social, por motivos socioeconômicos”. Também Gnerre (1998, p. 10) comunga com essa ideia, ao argumentar que “alguns níveis sociais, especialmente dentro da chamada burguesia, têm a tendência à hipercorreção no esforço de alcançar a norma reconhecida”.

Fundamentada na análise que fiz a algum tempo de enunciados produzidos por reeducandos de uma determinada unidade prisional de Goiás, em que observei várias ocorrências de “hipercorreção”, é possível dizer que não é necessária a ascensão de classe para que se produza a “hipercorreção”. Ou seja, na posição em que se encontram os reeducandos, predominantemente oriundos de classes menos favorecidas não há qualquer perspectiva de mudança de categoria social. No entanto, o imaginário de “correção” de língua, faz com que eles

se preocupem com o modo com que falam/escrevem, fazendo com que produzam formas diferenciadas das que estão normatizadas.

Considero relevante retomar Pêcheux (1997, p. 82-87) quando afirma haver um jogo de formações imaginárias que preside todo discurso. Considerando “A” o locutor, a pessoa que fala; “B” o interlocutor, a pessoa com quem se fala, e “R” o referente, o assunto sobre o qual se fala, pode-se citar esses elementos como constitutivos do processo discursivo:

$I_A (A) \rightarrow$  imagem do lugar de A para o sujeito de A, ou seja, a imagem que A tem de si mesmo

$I_B (B) \rightarrow$  imagem do lugar de B para o sujeito de B, ou seja, a imagem que B tem de si mesmo

$I_A (R) \rightarrow$  imagem que A tem do referente, ou seja, o ponto de vista de A sobre R

$I_B (R) \rightarrow$  imagem que B tem do referente, ou seja, o ponto de vista de B sobre R

Além das imagens acima relacionadas, ainda faz parte do processo discursivo a imagem que A tem da imagem que B tem do referente:  $I_A (I_B (R))$ . Ou seja, a imagem que se tem da imagem que o interlocutor tem do referente também constitui os sentidos produzidos.

Cito esse jogo discursivo de formações imaginárias, pois, através da análise do fato linguístico “hipercorreção”, é possível afirmar que os diferentes sujeitos, considerando a imagem que têm de si mesmos, a imagem da imagem que seu interlocutor tem dele, assim como a imagem que têm do referente, no caso, a língua, buscam reproduzir os traços linguísticos legitimados como “os corretos”.

No entanto, como vimos nos exemplares citados, essas regras os traem mostrando que a língua da elite não é a “sua” língua. Dito de outro modo, o funcionamento da “hipercorreção” é um vestígio de que aquela língua que eles tentam falar não é propriamente “a deles”. Ou pelo menos, que não se tem um domínio total das regras que regem essa língua.

Conforme Cox (2004, p. 136), a “hipercorreção” “nada mais é do que o desejo de se apropriar das formas linguísticas que valem mais no mercado de bens simbólicos.” Vale dizer que, na perspectiva em que me inscrevo, esse “desejo” não é do conhecimento do sujei-

to, já que se constitui ideologicamente: “*todos*” querem falar e escrever “certo”, da “melhor” forma possível. Para isso, traz à tona o imaginário das formas linguísticas hegemônicas que construíram nas suas experiências, nas suas práticas linguísticas nos espaços formais de enunciação.

Pensando no nosso objeto de pesquisa, a produção da “hiper-correção”, vejo necessário trazer as noções entre língua materna e a língua nacional. Para isso, trago Guimarães que faz essa distinção:

*Língua materna*: é a língua cujos falantes a praticam pelo fato de a sociedade em que se nasce a praticar; nesta medida ela é, em geral, a língua que se representa como (que se apresenta como sendo) primeira para seus falantes.

*Língua nacional*: é a língua de um povo, enquanto língua que o caracteriza, que dá a seus falantes uma relação de pertencimento a este povo. (GUIMARÃES, 2007, p. 64).

É interessante observar que, por um lado, embora uma determinada criança nunca tenha frequentado a escola, mas sendo filha de pais escolarizados, a sua língua materna pode coincidir com a língua nacional, a língua da escola. Por outro lado, é preciso lembrar que essas línguas “não coincidem sempre” (PAYER, 2007, p. 119).

Payer, em sua reflexão sobre “a relação entre a memória histórico-discursiva da imigração e a língua, no cruzamento das práticas de linguagem oral e escrita, como práticas sócio-historicamente configuradas” (2007, p. 113), afirma que considera que “a tensão entre o nacional e o materno-familiar como uma questão teórica e prática bem delicada, que coloca a necessidade de, a cada contexto, pensar sobre o estatuto e o funcionamento de cada uma das línguas, e em seus efeitos no sujeito e na sociedade.” (*op. cit.* p. 118). A autora argumenta que participam desta tensão:

[...] do lado da nacionalidade, as imagens e valores ligados à lei jurídica, ao Estado, à escola e à norma. Por outro lado, imagens e valores ligados ao familiar, à maternalidade, ao comunitário, ao cultural e ao doméstico, no sentido de que a língua inicial é fundante de um sujeito, pela apresentação do mundo a esse sujeito através de uma língua. (PAYER, 2007, p. 118)

Nessa perspectiva, Guimarães (2007, p. 64) afirma que “o português se divide em várias “línguas”, em vários e diversos falares das regiões as mais diversas.” Ainda conforme Guimarães, “as lín-

guas, ao funcionarem, se dividem sempre, pela simples razão de que seu funcionamento inclui sua relação com seus falantes. Ou seja, o funcionamento da língua envolve o modo como seus falantes a ‘experimentam’”.

Vale lembrar o modo como os falantes que produzem “hiper-correção” põem em funcionamento a língua, como a “experimentam”, como se relacionam com a língua nacional que, retomando Guimarães (2007, p. 64), dá a seus falantes uma relação de pertencimento ao povo brasileiro. Podemos dizer que é necessário pensar na produção desse fato linguístico como uma marca do desejo dos falantes de pertencerem a um grupo que ideologicamente é colocado como sendo o grupo que “sabe falar”.

## **2. Algumas “hipercorreções” observadas no material organizado**

Muito mais do que enumerar os casos de “hipercorreção”, o meu objetivo é observar o que rege a produção desse fato linguístico. Para isso, é necessário lembrar que há o imaginário de “correção” de língua funcionando em nossa sociedade. Nesse sentido, é possível observar que há uma contraposição entre traços linguísticos que constituem o falar popular e traços que caracterizam a norma.

Na perspectiva do discurso, não tratamos a “hipercorreção” como “erro”, mas como materialidade da relação entre língua com a historicidade. Nas palavras de Pêcheux, o equívoco “é o ponto em que a língua atinge a história”. (2004, p. 64).

Nesse espaço, trago uma relação de alguns tipos de “hipercorreção” presentes em textos de alunos de pós-graduação *lato sensu*, considerando que, no material que estou organizando como *corpus*, percebo regularidades tanto de traços que procuram ser imitados, quanto traços que surgem como desejo de serem evitados. Vejamos algumas regularidades nas “hipercorreções” como vestígio de traços linguísticos que são evitados.

## 2.1. Casos de equívocos na concordância nominal

Observamos que há uma enorme busca por parte de falantes de nossa sociedade em fazer a concordância nominal. O uso do plural é um traço que se constitui como característica do falar “correto”. Em contrapartida a esse falar, Leite (2008, p. 107-108) afirma que no falar popular “[...] algumas marcas são prototípicas e a caracterizam, como a economia de plural no substantivo em sintagmas nominais”.

Considerando o mecanismo de antecipação, noção que constitui a teoria análise de discurso, o sujeito antecipa o que seu interlocutor irá pensar ao seu respeito e organiza seus enunciados sustentado nesse mecanismo. Como não quer ser visto como aquele que fala/escreve como o povo, já que numa perspectiva bastante recorrente e preconceituosa em nossa sociedade “o povo é formado por pessoas que não sabem falar/escrever”, é pouco comum encontrar-se falhas de concordância nominal em textos de alunos, por exemplo. Muitas das falhas de concordância existentes devem-se ao fato de os falantes “hipercorrigirem” os seus enunciados. Colocam no plural, mesmo quando, conforme à norma, seja necessário um nome no singular.

“Então ele recebeu <u>em dias</u> ...”
“A <u>relação</u> dos karajá com a natureza, não é diferentes das demais sociedades [...]”
“As doenças tratadas pela comunidade indígena, indica que para <u>cada fins</u> terapêuticos, tem-se um animal específico.”
“Estive esses <u>cinco dias</u> fora, por isso só estou ti respondendo agora, me desculpe.” (e-mail de pós-graduando)
“É utilizada a banha como <u>medicamentos</u> para uma grande diversidade de doenças [...]”

## 2.2. Casos de equívocos na concordância verbal

Observamos que há, também, uma enorme preocupação de falantes de nossa sociedade em fazer a concordância verbal. Em vários textos, incluindo os de alunos de pós-graduação, verificam-se que são poucas as falhas de concordância verbal em relação ao sujeito no plural e verbo no singular. No entanto, há falhas de concordância porque os alunos “hipercorrigem.” Colocam o verbo no plural, mesmo quando, conforme a norma, seja necessário um verbo no singular. Essas ocorrências de “hipercorreção”, assim como outras são bastante significativas, visto serem consequência da censura sofrida quando colocavam o verbo no singular.

“E <u>isso fortalecem</u> as relações sociais [...]”
“Não tinham <u>quem ajudassem</u> na colheita. Não achava <u>quem comprassem</u> [...]”
“E <u>isso fortalecem</u> as relações sociais [...]”
“O estudo desenvolvido com a comunidade karajá da aldeia krehawã no município de Luciara-MT, <u>revelaram</u> informações importantes sobre a fauna medicinal [...]”
“[...] e também os jornais <u>não devem serem</u> esquecidos.”

### 2.3. A troca de vogais

A falta de domínio em relação à grafia de uma palavra faz com que haja a generalização na colocação de vogais médio-altas. É possível afirmar que como o imaginário de “correção” de língua se sustenta no modelo da escrita e as vogais altas, frequentemente, são produzidas durante a pronúncia, logo “deverão ser evitadas” [ri- >Riu]; [estante >istãti];

“os livros dedáticos são todos iguais...”
“[...] dentro de um universo de 11 entrevistados, seguimos <u>discriminações</u> conforme figura 3.”

### 2.4. Uso equivocado das expressões “vir ao encontro” e “vir de encontro”

Geralmente, quando se quer expressar que alguma coisa comunga com outra, coloca-se a preposição “de”. Sob um olhar normativista, essa troca acarretaria no sentido de “choque”. No entanto, as condições de produção de tal enunciado não deixam margem para dúvidas: buscava-se dizer que algo ia “ao encontro de”. Como funcionamento da “hipercorreção”, vale lembrar que essas expressões não são comuns nos falares de pessoas com menor nível de escolaridade. Sendo assim, no imaginário que circula em nossa sociedade, produzir um enunciado constituído por tais expressões significa se colocar no lugar “dos que sabem falar, dos que falam bonito”.

“Foi pensando em atender as mães carentes da cidade através de trabalhos produzidos por elas que <u>viesses</u> de encontro às suas necessidades básicas [...]”
“vindo <u>de encontro</u> ao nosso anseio em avaliar o índice de satisfação dos usuários [...]”
“[...] com o intuito de revelar uma matemática que <u>vá de encontro</u> às <u>suas necessidades</u> dos educandos [...]”

### 2.5. O uso equivocado do infinitivo

Pensamos que o fato de, no cotidiano, a maioria das pessoas não pronunciar mais o “r” do infinitivo deixa o falante em dúvida sobre a existência ou não do fonema em algumas palavras. Para evitar de deixar um fonema faltando, generaliza o uso. Nesse ponto, observamos o jogo de imagens funcionando, em que a imagem que o sujeito tem do lugar que ocupa na nossa sociedade faz com que tenha extrema preocupação com o modo como irá escrever:

“aprender aos poucos e me sentir aliviado”

“Os profissionais de saúde devem conhecer melhor e aprender com tais práticas, e nunca criticar-las, devem sempre levarem em conta valores, atitudes e crenças de uma população.”

### 3. Algumas considerações

Essa análise bastante incipiente permite-me afirmar que os exemplos de “hipercorreção” são resultantes do acesso à norma valorizada em nossa sociedade que os falantes envolvidos tiveram. Por um lado, esse acesso foi suficiente para que construíssem uma imagem de “correção” da língua. Por outro lado, o acesso que tiveram a práticas linguísticas constituídas pela norma ainda foi insuficiente, pois não garantiu que apreendessem o funcionamento dos traços linguísticos considerados de prestígio, ocasionando o equívoco na constituição dos enunciados.

Dito de outro modo, as “hipercorreções” produzidas indicam o modo como esses sujeitos foram insuficientemente afetados pelo discurso da escrita. Apesar de estarem fechando um curso de pós-graduação não têm domínio das regras que determinam o uso de plural, por exemplo. O grupo de origem desses falantes tem uma escolaridade mínima e não fazem parte do grupo que já está na escola desde sempre. Sendo assim, para esse grupo não há uma equivalência entre “língua materna” e “língua nacional”. Para quem é novo na escola é necessário adequar sua língua materna para “poder estar no lugar correto do bem dizer, da língua nacional”. (PFEIFFER, s/d, p. 14).

Essa vontade dos sujeitos “arrumarem” a língua diante do olhar do outro é consequência da preocupação com o falar “correto” e,



no nosso ponto de vista, é isso que faz com que produzam o fenômeno “hipercorreção”. Ou seja, o fato linguístico “hipercorreção” se faz presente nas falas das pessoas como consequência de nossa sociedade ser constituída pelo preconceito linguístico que é um preconceito contra o próprio sujeito.

Para finalizar, é possível ver a “hipercorreção” como um fato linguístico que aponta para a relação do sujeito constituído pela vontade (inconsciente, ideológica, nesse ponto de vista) de resistência à discriminação linguística, um vestígio da vontade de “pertencimento” ao grupo dos que “sabem falar”, dos que “sabem escrever”. Pois, como muito bem lembra-nos Orlandi (2009, p. 187):

[...] a língua não é só um instrumento de comunicação, nem serve apenas para transmitir informações. Entre outras coisas, ela é um lugar de poder: poder dizer, poder se identificar, poder argumentar, poder se fazer visível. Poder legitimar uma forma de conhecimento científico.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZAMBUJA, E. A relação sujeito/língua dividida, na produção da “hipercorreção”. *ÍCONE – Revista de Letras*, São Luís de Montes Belos, v. 2, p. 88-104. Publicado em jul./2008. Disponível em <http://www.slmb.ueg.br/iconeletras>

COX, M. I. P. Pedagogias da língua: muito siso e pouco riso. *Caderno Cedes*, Campinas, vol. 24, n. 63, maio/agosto, 2004, p. 135-148.

DUBOIS, J. et al. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 1993.

FEDATTO C. P.; MACHADO, C. P. O muro, o pátio e o coral ou os sentidos no/do professor. In: BOLOGNINI, C. F. (Org.). *Discurso e ensino: o cinema na escola*. Campinas: Mercado das Letras, 2007.

GADET, F.; PÊCHEUX, M. *A língua inatingível: o discurso na história da linguística*. Trad. Bethania Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello. Campinas: Pontes, 2004.

GNERRE, M. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

GUIMARÃES, E. *Semântica do acontecimento*: um estudo enunciativo da designação. Campinas: Pontes, 2002.

\_\_\_\_\_. Política de línguas na linguística brasileira: da abertura dos Cursos de Letras ao Estruturalismo. In: ORLANDI, E. P. (Org.). *Política linguística no Brasil*. Campinas: Pontes, 2007.

LEITE, M.Q. *Preconceito e intolerância na linguagem*. São Paulo: Contexto, 2008.

ORLANDI, E. P. *Língua e conhecimento linguístico*. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. *Língua brasileira e outras histórias*: discurso sobre a língua e ensino no Brasil. Campinas: RG, 2009.

PAYER, M. O. *Memória da língua*: imigração e nacionalidade. São Paulo: Escuta, 2006.

\_\_\_\_\_. Processos de identificação sujeito/língua. In: ORLANDI, E. P. (Org.). *Política linguística no Brasil*. Campinas: Pontes, 2007.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso*. Campinas: Unicamp, 1995.

PFEIFFER, C. C. *Saber escolarizado – espaço de institucionalização da língua*. A língua do estado e as línguas do povo: diversidade, civilização e cultura. Campinas: UNICAMP, s/d.

SCREMIN, G. e AIMI, D. S. A presença da hipercorreção em textos de alfabetizadores populares: contribuições para os PALOPs. *Revista ACOALFAPlp*: Acolhendo a alfabetização nos países de língua portuguesa. São Paulo, ano 4, n. 7, 2009. Disponível em <http://www.acoalfaplp.net>. Publicado em setembro 2009, acesso em 14-abr-2010.

SILVA, M.V. A escolarização da língua nacional. In: ORLANDI, E. P. (Org.). *Política linguística no Brasil*. Campinas: Pontes, 2007.